UM ANO DE DITADURA

DISCURSOS E ALOCUÇÕES DE SIDONIO PAES

UM ANO DE DITADURA

DISCURSOS E ALOCUÇÕES DE SIDONIO PAES

A JOÃO DE CASTRO

CHEFE DE PULSO E PULSO DE CHEFE

Inclinai por um pouco a magestade
Que n'esse tenro gesto vos comtemplo
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . *vereis um novo exemplo*
De amor dos patrios feitos valerosos.

"OS LUSIADAS", I, 9.

O. D. C.

O COMPILADOR

FELECIANO DE CARVALHO

SIDONIO PAES E O MESSIANISMO DITATORIAL

ESTUDO POLITICO DE
JOÃO DE CASTRO

I

Os ultimos rebombos do canhão na manhã do dia de Nossa Senhora, 8 de Dezembro, de 1917, já não anunciavam á cidade imperial o combate mas a sagração do Libertador.

A gloria e o milagre iniciavam esse ano de mistico delirio de messianismo e de esperança que o martirio viria tragicamente completar.

Sidonio Paes surgiu como um enviado de Deus, heroi libertador da demagogia anti-nacional, messias do nosso sentimento, esperança da salvação sempre afastada pelos estrangeiros de dentro de fronteiras. E um ano inteiro a sua acção sobre a alma colectiva de Portugal foi crescendo, foi-se afirmando sempre maior, até á suprema consagração da morte desgraçada ás mãos infames de um partido politico.

Era o Arcanjo Libertador. Quando ele ajoelhava deante de Deus nas Igrejas a multidão inteira cahia de bruços a ouvir a conversa de Deus com Portugal por intermedio do seu filho amado. Quando ele passava em revista as tropas o povo via-o aureolado de chamas e de reflexos de espadas, entre o estrondear das bombardas, comandando com um sorriso de mistica certeza a Revolução Libertadora.

Era assim na realidade? Merecia-o? Que importa? É assim que a historia o tem de ver porque foi assim que ele atuou sobre a alma da Raça e sobre o

seu destino. Foi de facto como o Heroi, como o Libertador, como o Messias que ele fez uma obra em Portugal. Que importa o seu trabalho, o seu passado de estudo, de inteligencia e de erros tambem? Que importa a obra legislativa e administrativa que fez?

Ha momentos da evolução dos povos em que eles mais necessitam em verdade de um sonho que de uma obra concreta. A base da vida das nacionalidades é como a base da vida dos homens feita de alma e das suas energias. A energia da alma da Nação é a base para todas as organisações e luctas materiais. Não é dizer apenas que uma nação sem alma morre, é dizer que não pode existir como nação. Essa alma da raça é a base de tudo. Aqueles que sobre ela atúam pelas suas obras ou pela sua personalidade são os verdadeiros chefes os verdadeiros reis da nação.

E ha momentos na vida da nação em que só esses homens podem salva-la. Não se fazem construções sociais nem se aplicam leis sobre uma nação cuja energia de alma não esteja em plena vida e esplendor. É preciso primeiro renovar a alma como alma, por um entusiasmo, um messianismo, um martirio, por uma acção de alma, emfim.

O erro dos que estudam a vida das sociedades é fazerem-no apenas sob o ponto de vista exterior mesquinho, das realidades visiveis. Sendo a Nação um aglomerado de energias, e a sua soma numa energia propria, a sua historia profunda, a sua historia animica, é mais importante que a historia exterior das consequencias que se tornam aparentes.

Ha na realidade momentos em que no explendor realisado de uma energia nacional, a unica obra admissivel e louvavel é a das inteligencias praticas, a da aplicação das vontades á construção de um arcaboiço duravel em que a energia se não perca.

Mas logicamente ha tambem momentos em que só

a acção directa sobre as almas, a acção mistica, é de alguma utilidade para a Nação. Para que desejariamos nós um bom legislador num paiz sem uma energia consciente, forte e sabedora da sua finalidade? Acaso já alguma vez se viu um legislador ser capaz de salvar, de tornar nação consciente um povo submetido, um povo sem energia colectiva propria?

Aonde é que os legisladores, as inteligencias realistas, os trabalhadores infatigaveis conseguiram fazer obra util que não houvesse anteriormente uma alma nacional acordada para a luta, conglobando as energias individuais e sabendo o fim a atingir?

Porque não compreender pois a superioridade relativa dos valores humanos para a historia de uma nação, conforme o momento em que são chamados a actuar? Ha momentos em que só um criador de sonho, um messias, ás vezes inferior como realisador, pode conseguir o que a Nação exige dos seus homens.

Por termos esquecido isto é que temos um seculo e meio de historia quasi inutil, de descalabro e de ruina. Um paiz cuja alma se apagara e diminuira, ou melhor se deixara adormecer, não podia ser renovado por acções sociais, por legisladores, por esforços pensados e ponderados de trabalho.

O que conseguiu Monsinho da Silveira? o que conseguiu Fontes Pereira de Melo? Enxertar uma obra material numa nação sem vida propria de nada serve. A nossa historia teve um desvio de um seculo e meio. Andámos errados a luctar contra nós proprios e sem saber como o fazer.

Andámos tão errados que no movimento de renovação ainda tentado com o inicio do Romantismo e do Liberalismo, luctamos pela inteligencia, e pela propria alma contra o Messias capaz de nos salvar pelo movimento que despertou na alma do povo — D. Miguel I. Como se compreende senão por erro nacional profun-

do, que o messias tivesse surgido, não para acordar o povo para uma nova vontade e ser auxiliado por todas as inteligencias renovadoras, mas apenas para resistir ao mal, sofrer e morrer amesquinhado?! Do outro lado estava Garrett, o primeiro que renovou a alma portuguesa adormecida, e cansada. E o primeiro poeta que vibra com a nossa alma lutava contra o Messias, o Arcanjo — Miguel.

Veio o mal por ahi fora a desenvolver-se. E sempre a inteligencia se poz contra a Nação, contrariando a sua renovação messianica, necessaria como base para o resto da obra a conseguir.

Sem essa base nada se pode realisar de estavel e profundo. O que as inteligencias cultas não viram, adevinhou-o o instinto da raça, o instinto maravilhoso do povo.

Passamos um seculo a suscitar das nossas energias a energia do Criador capaz de nos salvar. Passamos um seculo buscando o Messias. Foi D. Miguel contrariado e vencido, foi D. Pedro V, messias doloroso, vitima do nosso proprio sonho, foi Mousinho de Albuquerque renovador da acção e do combate exterior da Raça, foi por fim Sidonio Pais, libertador e martir, que corôa a renovação de Portugal com o seu sangue derramado.

É um erro da Raça? É, muito ao contrario, um poderoso instinto que nos guia. É um instintivo esforço para uma verdade que se não compreende nunca mas se adivinha: a necessidade de alguem, de um messias, para renovar a energia, para a sintetisar, para a tornar consciente de si. E não falo de um fenomeno apenas portuguez mas de um fenomeno de ordem geral, de todos os tempos e de todos os paízes. Joana d'Arc aparecida entre os homens para salvar, apenas pelo seu aparecimento, uma Nação esmagada, abandonada, morta, o que é senão um renovador de alma,

um messias nacional? A acção que desenvolve um destes criadores não se mede nem se avalia por obras directas, mas pelo resultado da acção sobre a alma colectiva, mas pela transformação operada não se sabe bem como nem porquê. Acorda uma Patria do marasmo, impele-a, salva-a e, afinal, com que meios e materiais? Mas pode-se acaso negar a obra de Joana d'Arc? E pode-se por acaso explica-la de outro modo?

O prototipo do messias, do criador de alma, do renovador é D. Sebastião. A uma Nação cansada, gasta, prestes a adormecer, ele vem trazer o renovo da sua alma divina. Foi vencido materialmente, mas isso que indica? A Nação não comportava o unico sonho que depois da obra realisada a podia fazer viver. Devia esperar. Mas a sua indicação de alma ficou de pé. Por isso o Sebastianismo tem uma explicação inteligente, real, para quem estudar a historia profunda de Portugal.

E' sob essa forma que se define para o povo aquela necessidade vital do aparecimento de um renovador de alma, de um messias.

E' sob essa forma tambem que pode ser definida esta força actuante dentro das nacionalidades. Não é messianismo o termo exato, mas sebastianismo, que define esta acção da alma de um homem sobre a alma colectiva de um povo de modo o recria-lo, a renova-lo, a permitir um outro periodo de acção nacional.

Repitamos pois que durante um seculo Portugal esperou num sebastianismo instintivo, ora apagado, ora fervente, a acção que devia salva-lo. E' porque não trabalhasse no entretanto? As campanhas de Africa e a sua acção colonisadora atestam o contrario. E' porque não podia desenvolver-se quanto as energias adormecidas o mereciam sem aquela acção criadora do sebastian smo.

Nesse espaço de tempo Portugal foi dominado

pelos estrangeiros misturados no seu sangue. A alma portuguesa não domina. Acorda o primeiro messias quando o espirito renovador e messianico enganado por falsas ideologias luctava já contra ele. Morreu em lento e doloroso martírio o segundo messias, o que mais fundo entusiasmou a alma popular. Morreu em tragedia intima de impotencia a terceira sombra de esperança levantada pelo povo.

O que seria de Portugal em tanta desgraça?

Os canhões da Rotunda em 8 de Dezembro de 1917, dia de Nossa Senhora, sagravam o Libertador.

O que era ele e o que queria? Isso não importa. Era o Libertador. Era o homem capaz de congregar numa só energia todas as energias, num só sonho de esperança todas as desventuras. Era alguem que sosinho, desacompanhado, sem preparação nem genio politico, acordou um paiz para a esperança de viver. Era um Messias, um desejado, mas trabalhando como devia contra as falsas ideologias, contra os estrangeiros, contra a indisciplina e a anarquia, contra a horda invasora, contra tudo o que se congregara na demagogia. Era o Desejado, o entusiasmador do povo, mas ao mesmo tempo aquele que pelo seu aparecimento e existencia mostraria o novo caminho. Não era a simples congregação do desejo do povo. Era uma energia de alma actuando sobre a alma colectiva. Era o verdadeiro criador de alma, que vinha cumprir o destino da renovação necessaria.

O verdadeiro messias era ele, ele que renovava a autoridade do mando, da Patria, contra os interesses imediatos, ele Ditador em nome de um sonho nacional contra as formas governativas e estrangeiras.

Acordava a esperança do povo inteiro e acordava a energia natural da Nação, a sua autoridade organica, propria. Aparecia ao sonho mistico do povo como o Libertador da desesperança e do mal. Era na realidade

um criador porque iniciava a marcha da Nação para o seu regimen organico, natural, para a Ditadura Nacional que vem das suas energias profundas.

Eis o que ele foi: o representante dessas energias profundas, aquele que as tornou conscientes no entusiasmo do seu nome, aquele que iniciou a forma de acção que elas terão de seguir.

Isto foi Sidonio Paes. É este fenomeno complexo e tão simples no seu resultado renovador o que se pode chamar Sidonismo. Quem acordou Sidonio Paes para esta lucta de morte que com a morte veio a pagar? Verdadeiro portuguez da pura raça portuguêsa inteligente e iluminada, ele foi uma emanação directa da alma colectiva para lhe servir de sintese e incitamento.

Iluminado de sempre? Iluminado no momento sublime da lucta entre o troar dos canhões e os gritos da soldadesca?

Que importa? Era a alma nacional que o queria e era ela que o sagrava naquela madrugada de nevoa, no dia da Padroeira de Portugal.

II

Sidonio Paes foi assim o animador das energias da raça.

Surge vencedor numa manhã e sem mais nada que a vitoria e a energia da sua alma, sem uma obra lenta e estudada, actua sobre a alma de Portugal e é para ele o animador necessario.

Ele representa duas coisas, — esta acção providencial sobre o povo e o primeiro passo já aparente no caminho para a Ditadura Nacional que é toda a evolução politica e social da moderna vida portugueza.

Toda a nossa historia do ultimo seculo se pode resumir nesta evolução para a Ditadura Nacional, isto é para a criação de uma autoridade organica, de um regimen vindo do fundo da Nação. Este fenomeno de criação de uma autoridade propria e nacional é o que representa exteriormente o acordar das energias de um povo e as suas tentativas de criação exterior de organisação de valores. Sempre que um povo acorda as suas energias para a luta começa por tentar organisalas da maneira organica, natural, que elas implicam, livremente de doutrinas e sentimentos. É este fenomeno que representa a marcha para a Ditadura Nacional, hoje em Portugal, como em qualquer outra parte e sempre. Porque na verdade esse é o primeiro resultado a conseguir, sem o qual as energias se dispersam ou voltam ao desanimo, e são improficuas para actuar.

O fenomeno de renovação de um povo é um fenomeno essencialmente politico. É a transformação das energias naturais numa ordem politica que as sintetisa e disciplina. É a criação de um dinamismo politico de autoridade e expansão que na primeira fase é a ditadura e na segunda fase o imperalismo dela derivado.

Ditadura Nacional quere por isso dizer o conseguimento da sintese de energias, da sua fixação numa consciencia politica e na certeza de uma finalidade.

Daqui se concluirá pois que o messias, o despertador das energias de um povo só terá acção profícua quando as faça marchar para essa congregação e constituição organica da força. Pode na verdade acontecer que um homem com qualidades superiores de animação das energias nacionaes não auxilie um povo na sua evolução e até a prejudique pela consequencia natural da sobre excitação das energias inutilisadas.

Acontece por vezes um animador de povos não corresponder, por erro mental ou incapacidade do momento colectivo a essa marcha para a autoridade organica e benefica. Assim se explica que o entusiasmo despertado no povo por um messias revolucionario, por um libertario, não tenha influencia nenhuma no acordar da energia nacional. São animadores de energias destrutivas, de ideais, de interesses, mas não da energia intima e especial que constitue a alma da Nação. Dom Pedro IV se quizermos tomar para exemplo esse representante do entusiasmo politico revolucionario, não acordou em coisa nenhuma o sentido e a força nacional do seu povo.

Mas alem dos animadores revolucionarios, fautores de dissolução e nunca de criação nacional, outros ha que a fraqueza ou o desanimo da sua psicologia, como D. Pedro V, ou a não resistencia ao meio, como Mousinho de Albuquerque, não preparam para a obra nacional de renovo. E' preciso que ás qualidades de ani-

mador de almas se juntem as qualidades de compreensivo autoritarismo, de ambição produtiva, que o levem a querer organisar com as energias nacionais por eles despertadas uma construção politica, uma forma estavel da força da autoridade da Nação e das forças e ideias que dentro dela vivem e lhe são naturais.

É preciso que o messias seja um ambicioso ou um autoritario e á falta destas qualidades instintivas, ou alem delas, um consciente pensador para a sua aplicação á realidade politica e social. De que serve, na verdade, entusiasmar um povo inteiro, dar sangue e esperança ás ideias que dentro dele vivem e ás suas qualidades, sem que isso se congregue numa realidade social, numa actividade governativa propria, na expontanea Ditadura da Nação?

O animador, o messias, que realisa a obra de renovação da alma nacional é aquele que desperta as energias da Nação para as congregar consigo numa autoridade organica, numa ditadura dessas energias, contra os erros, as pressões estrangeiras de fora e dentro das fronteiras, contra as divisões, as experiencias ideologicas, as ideias livres, contra tudo o que represente uma diminuição da força nacional.

É para a criação desse regimen nacional que é preciso o acordar das energias do povo que o messias realisa. A renovação pode estar já feita nas ideias criadoras e dirigentes que vivem no seio da Nação, e até mesmo na consciencia da sua aristrocracia, mas isso não basta. E é o que falta, é a obra de mistico entusiasmo, de messianica loucura acordando o povo inteiro e reflexamente transformando o escol dos seus homens e as proprias ideias já criadas o que o animador vem fazer. É preciso que ele apareça e que ele realise assim a sua acção. Porque o aparecimento de um messias que não conduza para esta disciplina o seu povo, pode ser um factor mais na sua dissolução.

As energias portuguesas haviam acordado de ha muito e de ha muito haviam traçado o seu caminho para a Ditadura Nacional.

Realisada a obra de dissolução democratica e liberal iniciou-se logo a reacção da autoridade ao mesmo tempo que o instinto da raça esperava, no seu messianismo, o Animador. Quando essas duas forças se encontrem teremos o momento de renovação definitiva.

A reação de autoridade, o caminho consciente para uma ditadura nacional inicia-se já na monarquia liberal que fôra importada do exterior e enxertada sobre o regimen tradicional, politicamente perfeito mas apoiado em energias não renovadas e dormentes.

A primeira reacção politica pela autoridade nacional, corresponde á propria reacção da inteligencia nacional, ao renovamento operado nas inteligencias portuguesas pelo sentido tragico das coisas, pelo estudo dos valores estranhos e dos nossos, pela criação genial, original, de verdadeiros valores portugueses de pensamento.

A primeira reacção de autoridade nacional aparece assim com Oliveira Martins com a sua formula portugueza tradicional e renovada de *O Rei e o Povo*. João Franco tenta depois pô-la em pratica salvando ainda a Monarquia. Fa-lo porem contra energias mais fortes.

Já surge o messianismo de renovo politico pela Republica mas com ele tambem vem a mesma ideia de autoridade nacional, de ditadura da nação contra as formulas. Era a revolução nacional contra as formulas e os partidos, os erros e as falsas disciplinas e a conglobação das energias despertadas numa ditadura nacional que realisasse a obra que havia a fazer. Que formula é esta senão a de Bazilio Telles?

No entanto a ideia revolucionaria despertara a indisciplina. Os idealismos e forças de renovo nacional

foram subvertidos pelos idealismos revolucionarios de liberdade e democracia.

E assim aos erros do passado juntaram-se mais erros e mais ruinas.

A reação mental e moral começou a fazer-se em volta do tradicionalismo. Faltava porem á Raça o entusiasmo, a esperança, o sonho dos momentos criadores. O nosso instinto messianico esperava o Animador.

Ele devia vir ao mesmo tempo despertar as energias nacionais e realisar a reacção da autoridade. Assim pela junção das duas obras poderia iniciar a Ditadura Nacional.

Sidonio Paes aparece pois para indicar a Ditadura Nacional que não chegou a realisar. O seu aparecimento é como que uma iluminação do povo inteiro de Portugal. A onda messianica que o levantou e fez dele o que é para a historia de Portugal vinha a crescer de ha muito. Mas foi ele que, ao mesmo tempo animador de almas e autoritario e ambicioso, poude instintivamente fazer essa obra ainda não realisada e tantas vezes tentada.

Sidonio Paes é o primeiro Ditador de Portugal.

É o primeiro ditador depois do periodo de estagnamento e decadencia das qualidades nacionais que nós sofreramos. É o primeiro Ditador Nacional, isto é, aquele que primeiro, despertadas as energias nacionais (como antes com D. Pedro V ou João Franco) as congrega directamente no poder atravez da sua autoridade pessoal. É o Animador tornando-se Ditador, são as energias vivas organisando-se instintivamente em autoridade nacional.

É o Ditador contra a anarquia e a dissolução da autoridade mas acima de tudo o Ditador que sintetisa as energias nacionais e as impulsiona.

É esta a sua função na historia portuguesa, e não a de organisador ou legislador que não foi.

Ele leva para o governo o mesmo entusiasmo que despertara com a revolução vencedora. É o homem que leva as energias da raça, o seu messianismo e esperança ao governo da Nação, e faz deles os elementos da autoridade.

É numa palavra quem prepara as bases vivas em que pode assentar uma verdadeira Ditadura Nacional.

Porque ele na realidade não a fez, não a poude fazer. Foi apenas o animador de energias e o iniciador, o precursor da Ditadura organisada.

A sua obra principal foi o despertar das energias nacionaes e a lucta contra os inimigos de dentro. Um ano inteiro lutou. Foi sempre, e cada vez mais perante o povo o foi, o Heroi que não teme, o Arcanjo combatendo o mal.

Ao heroi não se pede outra obra. E ele foi mesmo como chefe do estado o heroi. O que ele devia ao seu destino era conglobar as energias portuguezas contra o inimigo, vence-lo, esmaga-lo onde quer que ele as ameaçasse. Ele permitiu com a sua obra de heroicidade, de defeza nacional, de esperança, a organisação definitiva da Ditadura Nacional, inicio de uma nova era de acção portuguesa forte e fecunda. Não é um realisador? Mas como realisar num paiz que está na fase de criação nova e intensa, sem uma grande acção de libertação? Ele foi o libertador, o que tornou possivel a nossa esperança e a nossa fé em Portugal, num Portugal livre de lutas politicas, consciente da sua acção. Foi o primeiro Ditador em nome da Nação e sem nenhuma prisão politica a amesquinha-lo.

Fe-lo conscientemente em tudo? Decerto não. Mas isso que importa se a sua função dentro da vida nacional foi toda de alma e de sentimento?

Quando após um ano de luta farmidavel contra a dissolução do paiz, os embates do inimigo, o estrangeiro do interior, e contra as incompreensões mesmo as bem

intencionadas dos que só viam a solução politica e não o renovo nacional que causara; quando após um ano de martirio, atraiçoado até por companheiros de revolução ele dizia: — "Ninguem deseja mais a minha morte do que eu" — Sidonio Paes não desistia do seu triunfo.

Coroava-o voluntariamente com o martirio da morte. E sagrado por ela — o heroi nunca vencido, assassinado por instigações reles e á traição, miseravelmente desamparado de todos — poude aumentar ainda a sua obra.

Teria que amesquinhar-se vivendo numa obra que não lhe pertencia e para que não nascera. E a morte veio fazer dele para o povo inteiro um santo, um martir, o aparecido de um momento, como incitamento de Deus á alma de Portugal.

Até uma desgraça pode actuar favoravelmente sobre a alma colectiva de um povo. A morte do Ditador, sagrando-o pelo martirio, vinha dar maior intensidade á acção que exercera a sua alma sobre as almas de todos. Pela intensidade da desgraça em que lançou o povo inteiro, pela dôr, pelo desespero, tornava mais querido o principio de Nacionalismo e da Ditadura que encarnara. E pelo engrandecimento da sua figura na morte e no martirio vincava mais fundo o renovo sebastianista que representara.

III

Animador das energias da raça, Messias da sua esperança, Renovador da autoridade do estado nacional, Sidonio Paes foi o primeiro Ditador Português. Foi o primeiro que directamente representou a energia e a vontade nacional contra as lutas de facções e os erros e crimes politicos.

E' um precursor da Ditadura Nacional, para que contribuiu com a sua acção messianica sobre o povo, já como heroi salvador, já como chefe autoritario que indica o novo poder do estado nacional. A sua obra, pode dizer-se que restringida ao sentimento, é no entanto enorme. Era a obra que devia ser e no momento em que veio. Se outras fossem as suas qualidades não podia cumprir utilmente o seu destino. Foi uma obra realisada sobre o sentimento mas nem por isso menos solida e duradora do que a obra que as inteligencias constroem objectivamente.

E' tão grande a sua acção, assim realizada, que não só nos aparece como a acção percursora da organisação da autoridade portuguesa mas até como uma antecedencia, um sintoma percursor dos movimentos ditatoriais da Europa após a grande guerra. Representante e sintese das energias politicas da evolução portuguesa (mais adiantada, pela tragedia e descalabro que sofreu Portugal, do que as evoluções modernas de outros países) ele poude preceder todos na indicação da for-

ma ditatorial de governo como o recurso para a crise do estado moderno. Não nos atrevemos a dizer que ele conscientemente tivesse previsto a evolução da politica mundial, marchando para as soluções reais, pessoaes, contra o dominio das formulas e das ideologias congregadas em partidos e facções, isto é a evolução para o predominio da energia profunda dos chefes e das raças sobre os arcaboiços gastos da velha politica.

Não previu decerto este movimento que nem a propria guerra conseguira, tal era o estado de anquilosamento da Europa, e que multiforme e geral, aparece depois da guerra e da completa falencia das politicas consagradas, todas elas, e dos estados organisados, qualquer que fosse o seu feitio exterior.

Movimento que se manifesta no mundo inteiro, revelando-se pelas formas mais diversas, num paiz para sustentar uma organisação de estado tradicional, noutro para a derrubar, e renovar assim as forças da Nação, noutro ainda para recriar o Estado sob novas formas. Não previu talvez pela inteligencia esse movimento de energia humana das ditaduras que veio sobrepor-se á estagnação da politica consagrada. Mas sentiu-o em si e no seu povo, encarnou-o e realisou-o já antes que nenhum outro homem o tivesse feito. No seu valor de Messias, de animador de almas, foi assim que ele o previu, sentindo-o, encarnando-o expontaneamente. Por isso nós podemos afirmar que ele foi um percursor desse movimento ditatorial que hoje avassalou a Europa e que encherá o seculo XX para renovar com outros chefes e com outras dinastias até, a civilisação ocidental.

Sentiu-o Sidonio Paes porque a sua alma superior foi acordada pela vontade instintiva da sua raça.

A evolução animica de Portugal (se assim podemos dizer) neste momento da historia do mundo ia mais adiantada que a de nenhum outro povo. Paiz

atirado para o marasmo e para o desanimo pela incapacidade dos seus governantes; paiz esmagado por teorias politicas, por ideologias e por formulas, tudo importado do estrangeiro; paiz mil vezes acordado para a salvação anunciada e sempre de novo esmagado por novas formulas sem dinamismo e sem realidade nacional; paiz cheio de energias interiores e contrariado nelas por mil infamias e traições; como não suscitaria o seu messias, representante da sua alma e da sua vida, o Homem, o Ditador, e não a regra ou a ideia politica incapaz?

Anciámos pela livre e forte expansão das nossas energias num Homem, num Ditador.

O nosso messianismo exasperado (que só a compreensão extrangeirada alcunhou de excessivo) era a aspiração da Ditadura. Aquela crise que toda a Europa veio a sofrer, sofriamo-la nós desde ha muito e já tinhamos sabido encontrar-lhe a solução — a superioridade da energia individual criadora sobre as ideologias, sobretudo representadas pelo liberalismo triunfante.

O movimento ditatorial português vinha de longe, desde a reacção mental de Oliveira Martins passando por João Franco tentando salvar o regimen mas renovando o seu arcaboiço politico, por Bazilio Telles tentando renovar a Nação por uma revolução vencedora e congregada numa ditadura de realisações. Mas era ainda a ideia profunda, interior lutando contra a ideologia e não a expontanea sintese de forças da Nação.

O movimento messianico do sidonismo vem realisar essa obra. Acordam em toda a sua profundeza as forças da Nação e sintetisam-se num Ditador. Quando na Europa se lutava ainda em nome dos principios liberaes, e os governantes se recusavam, mesmo em face das responsabilidades da guerra, a governar con-

tra os principios e só pela vontade criadora e autoritaria, Sidonio Paes já aparecia como Ditador, sagrado pela autoridade propria e pelo sentimento do povo, verdadeiro chefe das eras criadoras, Impulsionador e Rei e não o *representante*, o *inutil representante* que qualquer rei ou presidente da Republica era nesse momento.

E' o primeiro chefe de autoridade propria; o primeiro chefe que surge audazmente na Europa Liberal. E era preciso coragem para o fazer num mundo entusiasmado por ideologias, por liberalismos contrarios á livre expansão da energia dos chefes. E' o primeiro na reacção ditatorial. Foi-o como sintese de uma raça e como que dominado pela evolução intima de Portugal. Quando a crise se acentuou lá fora, a um por um os povos foram recorrendo á eterna verdade criadora da politica, à energia individual dos chefes.

Quiz salvar-se e renovar-se a Turquia, atirada para todas as miserias e descalabros e recorreu á acção ditatorial de Mustafá-Kemal.

Quiz a Italia, ameaçada de dissolução social, recompor a sua ordem politica, conservar e renovar a sua Monarquia e recorreu á acção ditatorial de Mussolini.

Mas entre todas as Nações da Europa, Portugal foi a primeira a recorrer á Ditadura para se salvar. Sidonio Paes foi o primeiro na reação ditatorial e deste modo foi tambem um dos primeiros a fazer governativamente a reação anti-liberal.

Se ele tivesse dado mais um passo teria sido o primeiro Ditador Reaccionario da Europa. Mas não o soube nem o poude fazer. Para isso teria de ser não apenas o messias mas o organisador consciente, o politico completo, o realizador definivo.

Mas na evolução social da Europa moderna congregam-se dois movimentos, penetram-se e influen-

ciam-se entre si e a acção sobre um deles exercida não é indiferente ao outro. Um dos movimentos, essencialmente mental, é o da reação anti-liberal. O outro é um movimento de renovo das energias politicas, o movimento ditatorial. Este movimento, porem, renovando as forças nacionais e criando a sua directa emanação na Ditadura, veio derrocar o edifício essencialmente formalista, anti-humano, em que conclue o liberalismo. O pior inimigo do liberalismo, do politiquismo liberal, foi pois o movimento ditatorial mesmo quando não conscientemente reacionario.

Acresce porem que o verdadeiro movimento ditatorial (sendo uma realisação das energias nacionaes na autoridade forte e no mando) tornar-se-ha fatalmente anti-revolucionario, anti-liberal na legislação e na inteligencia. Todo o movimento ditatorial é realisado com as energias de uma Nação. Não confundamos por isso nunca Ditador Nacional com Comissario do Povo e saibamos opôr estes dois termos como eles merecem. *Ditador* quere dizer na realidade politica de hoje o chefe de uma Nação e o concentrador da sua autoridade e poder. *Comissario* quere dizer o chefe de uma ideologia revolucionaria e investido do poder, contra as energias nacionaes, para a realisar ou expandir.

O movimento ditatorial é sempre um movimento de autoridade nacionalista ou nele acaba por concluir. Nos fenomenos nacionalistas, alguns anti-ditatoriaes como o da India, ou anti-reaccionarios como o da Irlanda ou da Turquia exemplificam bem o que é o nacionalismo que representa o terceiro movimento da evolução actual do mundo. Mas o que é afinal este movimento senão o inicio do movimento ditatorial? O acordar das energias nacionais, é a base para a criação da autoridade nacional consubstanciada depois no Ditador. E é tambem por seu turno a verdadeira força do movimento reaccionario pelo com-

bate expontaneo, organico, que oferece ás ideologias humanitarias e internacionalistas.

Despertado o nacionalismo fatalmente ele se organisará em Ditadura e com ela virá a reacção anti-liberal. Por isso a acção nacionalista e ditatorial de Sidonio Paes iniciou no governo a obra reaccionaria consciente, a primeira após o movimento Maurrasiano da França, e o que o Integralismo Lusitano levou a cabo em Portugal. Após o movimento mental da França, de Portugal e da Italia, ainda não aparecera em parte nenhuma uma acção governativa correspondente. O primeiro a faze-la foi o governo de Sidonio Paes. Procurando a ordem e a estabilidade deitou mão das ideias da reacção anti-liberal.

As ideias integralistas influem na Constituição politica do Sidonismo e nas suas leis testamentarias, nas suas bases administrativas. Os integralistas colaboram directamente na factura dessas leis. Numa palavra: estava iniciada governativamente a obra reaccionaria e primeiro que em qualquer outro paiz. E obra reaccionaria sobretudo significativa porque não era feita como apoio a um regimen tradicional, estavel, mas sim a uma ditadura nova e criadora.

Dentro da reacção anti-liberal Sidonio Paes fez muito; mas não soube e não quiz fazer tudo quanto podia. A sua mentalidade sofria ainda de preconceitos liberais e republicanos. Era ainda um liberal por educação e feitio e sinceramente o era. Criado mentalmente no ambiente liberal português e depois na propaganda republicana (apesar da imensa admiração e e da leitura assidua de Carlyle, tão suscitadora de ideias ditatoriaes e criadoras) Sidonio Paes não poude ser completamente o Ditador Anti-Liberal.

O seu preconceito republicano não o deixou realisar a obra que iniciara. A sua inteligencia e a sua educação contrariaram o instinto da sua alma. No entanto

Carlyle devia ter-lhe ensinado que a Republica era necessaria como prefacio ao aparecimento de novos herois, de novos chefes e apenas por isso.

É um enigma insoluvel o da sua psicologia.

Viria ele a tornar-se conscientemente no Ditador Reaccionario que a Nação esperava e necessitava? É natural que se vivesse, e depois de aniquiladas as forças demagogicas e restauracionistas, se fizesse o Ditador Nacional completo? É muito natural que não. A sua psicologia de iluminado não o deixa crer. Messias e animador de almas, antes de mais nada, ele só foi Ditador por consequencia logica do movimento que o impulsionava. E menos conscientemente ele quiz a obra reaccionaria. É o messias e não o politico realisador.

Vencedor da morte e vitorioso em 8 de Dezembro de 1917 vae num explendor de gloria iluminando providencialmente a alma do povo até ao martirio e á morte em 14 de Dezembro de 1918. E com o martirio e a morte aumenta a sua acção sobre as energias mais fundas da alma da raça. Os que ele não convence vivo, convence-os pela morte. É como todos os messias, como todos os que animam a alma dos povos pelo sentimento e a força da alma. «Morro bem... Salvem a Patria» que grito mais nobre ecoará em Portugal depois do grito de D. Sebastião: «Morrer... mas de vagar»... Novo grito do Desejado já não nos deixava por destino a morte lenta e heroica. Ele, sim, morria, mas para apontar a salvação. E no seu martirio sagrava o nosso novo destino na obediencia á frase final que nos deixou.

Actuando assim milagrosamente como um messias, que admira que o seu destino fosse curto e glorioso? Era apenas o percursor, a esperança aparecida, e o primeiro passo para a Ditadura Nacional.

Mas do movimento providencial que operou na raça portuguesa só ele é o criador e por isso com essa

acção e caracter temde entrar na historiada nossa evolução nacional.

Que a sua obra não tenha sido tão proficua quanto podia, não tem ele a responsabilidade.

A incapacidade mental e moral dos homens apontados para a chefia e o fenomeno especial da luta entre a Republica e a Monarquia anularam a acção imediata da sua obra. Presa a perconceitos republicanos e a perconceitos monarquicos restauracionistas a Nação não actuou organicamente, vitalmente depois da sua morte. Renovou as suas passadas divisões, fez-se de novo liça de luta politica e não a sintese de energias que foi durante um ano inteiro sob a ditadura de Sidonio Paes.

Deixou de ser a organisação expontanea de energias e a realisação directa no estado da vida da Nação para ser a despedaçada e decadente organisação de lutas que já tinha sido. Sobre a morte do Heroe Nacional, quando dolorosamente se tentava proseguir na sua obra, os seus assassinos tentam o ataque directo ao poder. Renovavam o assalto das forças estrangeiras á Nação contra todos os seus desejos e aspirações. Por preconceitos aceitaveis uns, por erro e infamia outros, renovavam o crime de alta-traição ao acordar da energia nacional e á formação expontanea da sua autoridade, que fora o movimento nacionalista e ditatorial de Sidonio Paes.

Desgraçadamente o movimento de reacção não se deu como devia.

Não houve um chefe capaz de manter o principio nacionalista e o principio ditatorial que constituiam a ideia do sidonismo. Não houve um continuador do messias que mantivesse o entusiasmo sagrado, que o organisasse para a luta contra todas as facções, que criasse a continuidade ditatorial e nacionalista até que a obra da renovação e criação estivesse toda completa.

Não houve nenhum homem capaz de continuar o Ditador, nenhum. Chefes militares com o exercito na mão, com a corrente de energias levantada pelo messias, nada souberam, nada poderam fazer. Quando era o momento de continuar a ditadura nacional, expontaneamente portuguêsa, acovardaram-se ou diminuiram-se em querelas politicas. Nenhum encarnava a força vital da Nação. Eram simples ambiciosos, simples facciosos sem o espirito de sacrificio sublime á causa nacional. Ou não sabiam agir ou agiam apenas para renovar as lutas de facção. E assim, para oporem á investida democratica só souberam levantar um espirito de facção. Para opor á possivel sinceridade dos preconceitos republicanos só inventaram os preconceitos restauracionistas.

O proprio presidencialismo que fôra para o Presidente-Ditador apenas a formula de simplificar, de legalizar a Ditadura da sua vontade criadora, se transformou em doutrina politica com formulas rigidas e em partido politico da Republica. Ninguem soube e ninguem quiz compreender a necessidade de um periodo organico de ditadura das energias expontaneas da Nação, de ditadura nacional antes de se chegar a qualquer consagração politica. E tudo isto porque não apareceu um chefe, um homem capaz de proseguir a obra de Sidonio Paes.

É natural que a massa tivesse sido atirada imediatamente para a luta de facções, porque vivendo de entusiasmos apenas, em facção transforma toda a força que dentro de si vibra e ordena.

O que não é natural é a miseria mental e moral dos chefes revolucionarios de então. Nem o exemplo directo, imediato, de Sidonio Paes foi capaz de os dirigir! Não eram valores individuais capazes de saltar por cima das legalidades, das formulas, dos preconceitos ideologicos, da imposição tacitamente rece-

bida do extrangeiro, de tudo emfim quanto representasse uma diminuição da energia nacional e da energia do chefe.

Não eram nem sombras de Ditadores.

O que eles representaram foi a falencia completa de uma geração. E porque a geração mais nova não podia ainda actuar na chefia, Portugal recaiu no mal de que o salvara o Libertador.

Quererá isso dizer a inconsistencia da sua obra ditatorial? De modo nenhum. Porque a sua verdadeira e profunda acção não se perdeu. O Portugal modificado pelo movimento sidonista já não é o Portugal de ontem. A obra do Messias ficou completa; a obra do Ditador pode ter caido em parte. Porque num momento excecional de exaltação de energias, de febril criação, as gerações mandantes nada mais souberam que renovar a luta de ideologias e, apoz a queda da tentativa restauracionista, voltar a uma infamia politica maior do que a anterior. Isso porem não fez mais do que atrazar alguns anos a evolução natural da politica portuguêsa. Em nada conseguiram anular a obra realisada: a renovação das energias nacionais, a sua sintetisação na ideia do Ditador e a certeza messianica da salvação. Momento de esperança foi esse ano de sidonismo.

E quem consegue apagar a esperança de um povo quando ela representa o acordar das suas energias? Os invasores, os estrangeiros, podem acaso abafa-la?

Á Ditadura messianica de Sidonio Pais virá corresponder a Ditadura consciente e forte de realisação e criação nacional. Para ela foi Sidonio Paes o percursor. E se a sua vida e a sua morte a prepararam, melhor destino não poderia esperar para si neste mundo.

Lisboa, 5 de Dezembro de M-923

JOÃO DE CASTRO

DISCURSOS E ALOCUÇÕES DE SIDONIO PAES

COLIGIDOS E ORDENADOS POR
FELECIANO DE CARVALHO

Os grandes homens marcam pelas suas palavras e pelas suas acções. Sidonio Paes foi um grande Homem, foi mesmo o maior Homem que Portugal conheceu nestes ultimos tempos.

As suas acções estão na mente de todos, são de ontem; sobre elas não podemos ainda ajuizar com segurança, sem receio de errar.

As suas palavras, essas, definem Ideias, esboçam programas; devem-nos servir de estimulo para o triunfo da Ideia Nova.

Lede:

«Vereis amor da Patria, não movido
De premio vil mas alto e quasi eterno.»

FELECIANO DE CARVALHO

Suplemento ao Diario do Governo proclamando a Vitoria da Revolução

«Cidadãos! *Venceu a Republica contra a demagogia.* É, pois, indispensavel que todos os cidadãos regressem ás suas honestas actividades, sendo, cada um, um elemento de ordem.

A Revolução teve em vista restaurar a Justiça e o Imperio da Lei, e, sendo feita contra a desordem do Poder, ele deseja a tranquilidade e o trabalho, e, tendo autoridade moral para conseguir estes elementos de paz nacional, tem a fôrça para os tornar efectivos.

Cidadãos! A Revolução é feita em nome da Liberdade contra a tirania *e a verdadeira liberdede exige calma nos espíritos, respeito por a vida e propriedade alheia e confiança na autoridade.*

Viva a Pátria!

Viva a Republica!

Lisboa, Parque Eduardo VII, 8 de Dezembro de 1917 — O comandante das fôrças revolucionárias, Sidonio Paes.»

2.º Suplemento ao Diario do Governo

«O Povo e as fôrças revolucionárias de terra e mar, em nome da *Pátria* e da *República* querendo desde

já assegurar a ordem e a continuidade das Instituições que o Povo Portuguez livremente escolheu em 5 de Outubro de 1910, proclamou em nome da Nação a seguinte *Junta Revolucionaria* que, no mais breve espaço de tempo deporá o seu mandato nas mãos de um Govêrno constituido de harmonia com as aspirações nacionais:

PRESIDENTE:

Sidonio Bernardino Cardoso da Silva Paes

VOGAIS:

Antonio Maria de Azevedo Machado Santos
José Feleciano da Costa Junior.»

Proclamação da Junta Revolucionaria

Cidadãos!

Triunfou a Revolução que representa a Republica generosamente proclamada em 5 de Outubro e *miseràvelmente atraiçoada por uma casta politica que audaciosamente conquistou o poder e o explorou em proveito proprio e com grave damno do Paiz.*

Mas a Justiça, a execução honesta e imparcial da Lei, a Ordem e a Autoridade, pertencem aos que arriscaram a vida pela Patria e pela Republica.

Em nome dos que heroicamente venceram, a *Junta Revolucionaria* assume o Governo com a consciencia da hora grave que passa para garantir a existência da Republica como expressão da vontade nacional, manter a Ordem, assegurar o Império da Lei e exigir o

respeito pelas vidas e propriedades. Respeitando e fazendo respeitar integralmente todos os pactos internacionais contraídos em nome da Nação, procurará tambem restabelecer a harmonia e a unidade da Patria!

Viva a Pátria!
Viva a República!

JUNTA REVOLUCIONARIA

Sidonio Paes
Machado Santos
Feliciano da Costa.»

---

12 de Dezembro de 1917

Na posse do Dr. Sidonio Paes como Ministro dos Negocios Estrangeiros:

«Conto com o concurso de todos o funcionarios deste Ministerio, como conto com todos os portuguezes, para a grande obra iminentemente nacional a que nos abalançamos; eu e os meus companheiros da revolução.

Apesar da Republica ter só 7 anos já se notava a existencia de costumes corrompidos que em tudo faziam lembrar os que de velha data envenenavam a politica portugueza.

Os revolucionarios tentaram um grande esforço para regenerar esses costumes, para reintegrar a Republica na sua puresa, para robustecer a Patria.

E' uma tarefa dificil, mas não impossivel!

Havemos de a levar a cabo.»

12 de Janeiro de 1918.

Da Janela do Grande Hotel do Porto, na sua primeira viagem ao Norte do Paiz:

"Povo da cidade do Porto; eu vos agradeço comovido esta manifestação, não por mim, mas, pelo espirito da Revolução que representamos para a Nova Republica, para a Liberdade, para a Ordem, para que todos aqui possam caber e trabalhar, trabalhando honestamente, activamente, com todas as forças do nosso corpo e da nossa alma em prol da Patria. Heroica cidade do Porto eu vos digo: eu iria 20 vezes ao Parque Eduardo VII, *para combater a demagogia e estabelecer a Ordem se a demagogia a quizesse alterar*. E hoje que sinto um orgulho forte de ter o povo portuguez em minha volta e do governo, sinto-me bem compensado do trabalho e sacrificio que fiz pró Altar da Patria".

---

12 de Janeiro de 1918

No Quartel da Guarda Republicana do Porto:

"O esforço da Revolução tem de manter-se custe o que custar!...

Ai daquele que levantar um dedo ameaçador!

Tenho a meu lado o paiz, tenho a meu lado o afecto da tão generosa e cavalheiresca cidade do Porto."

---

13 de Janeiro

Discurso pronunciado no Edificio da Bolsa do Porto entregando-o á Associação Comercial da mesma cidade:

«Em presença das manifestações que me teem dirigido, sinto que perco a serenidade, tanto mais que tenho receio de amanhã não poder realizar a ideia do momento, que não é só do Porto, mas de todo o Paiz. Mas, visto que ela me é imposta pelas circunstancias, procurarei realisa-la, porque se assim não pensasse sairia do governo.

As revoluções são feitas por uma minoria entre o todo, que quasi sempre a ela se opõe, mas apesar disso, uma revolnção nunca é possivel desde que o paiz em espirito não esteja com ela. Daí o exito do movimento revolucionario de ha pouco; porêm, só agora, vi a consagração d'esse acto e foi aqui, na cidade do Porto, pelas manifestações que me teem sido dirigidas; não me admirando isso, *visto esta cidade ser uma das que mais exemplo dá de trabalho, e o acto revolucionario ser dirigido contra a demagogia que não a deixava produzir.* Em nome do governo e dos revolucionarios, eu agradeço a adesão que lhe acabam de dar e afirmo que *o governo promete fazer justiça e ser tolerante, procurando para a confraternisação juntar todos os portugueses para a Salvação da Patria.* A justiça que acaba de ser feita é já um facto para essa confraternisação.»

15 de Janeiro

De novo na Bolsa:

«Sinto-me satisfeitissimo com a viagem triunfal e e com as manifestações que me teem sido dispensadas e isso dá-me alento para levar a obra empreendida até final, *conscio de que terei o apoio de todo o paiz, pois para ele é que trabalho e farei todos os sacrificios, apoiado sempre na opinião publica.*»

---

14 de Janeiro

Em Infantaria 20 (Guimarães):

«Em nome dos soldados que se batem em França agradeço muito reconhecido as vossas saudações, e aproveito esta ocasião para rebater as vis calunias levantadas contra o movimento de 5 de Dezembro que não era de caracter germanofilo, como se afirmou. O governo manterá a politica iniciada em 1914, e os revolucionarios marcharão com os seus camaradas a cumprir o seu dever. Tive sempre a opinião de que se devia dar apoio aos aliados e afirmo mais uma vez que o exercito cumprirá o seu dever. Dois contingentes de tropas partiram já, e outros se seguirão. Falou-se tambem que no movimento de 5 de Dezembro entraram monarquicos. Entraram de facto, sem esse caracter; eram pessoas honestas, incapazes de fazer o que deles diziam. Bastaria pensar que á frente do governo estava eu que desde os 15 anos sou republicano e que da Junta Revolucionaria faz parte Machado Santos, entrando no ministerio outros republicanos conhecidos, para não se

pensar em traição. Diga-se o que se disser, agrade a quem agradar, o governo é republicano e nunca poderia fazer qualquer traição á Republica. Faço esta afirmação para que não haja equivocos e declaro que *esta Republica tenderá a reconhecer todos os cidadãos como portugueses respeitando as suas ideias.*»

---

14 de Janeiro

Discurso pronunciado nos Paços do Conselho de Braga:

«Agradeço a confiança que em mim manifestais e afianço pela minha honra, que *o governo respeitará em tudo o espirito da revolução que tende a dar ao paiz todas as liberdades e terminar com todas as tiranias. Não se quer saber, nem venho perguntar, a que partido pertencem, desejo apenas saber se estão de alma e coração com o governo contra a demagogia.* De resto, do lado do governo estão o exercito e a marinha e, pelo que tenho visto e sentido está tambem o Povo. As manifestações da cidade de Braga representam uma adessão, que comovidamente agradeço.

Viva a Patria! Viva a Republica!»

---

15 de Janeiro

Na Camara de Viana do Castelo:

«Agradeço comovido as vossas manifestações e crêde que nunca poderia deixar de vir visitar esta ci-

dade, pois que sou minhoto deste distrito. Se assim não procedesse seria um ingrato.

Não me envaidece o cargo a que fui elevado, pois sei que são enormes as responsabilidades que recaiem sobre os meus hombros, encargos que não se vencerão se todos os portugueses não estiverem unidos para me darem o apoio indispensavel. Nesta terra de nobres tradições ouvi palavras de fé que me dão alento para resolver o grave problema nacional. Agradeço as manifestações que me fizestes e peço a todos os presentes para que consigam que outros se lhe juntem nas boas intenções e propositos, pois *a questão portuguesa não se resolverá sem a união de todos, nesta hora gravissima, sendo necessario não deixarem perder a esperança qne trouxe a revolução.*

E' necessario acabar os odios que dividem a familia portuguesa. Esses são os intuitos do governo. As formais oposições, não receadas pelas suas resistencias passivas, é preciso que terminem.

Estou certo de que todos darão o apoio ao Governo, porque será justo, de contrario, não precisavam dele."

---

15 de Janeiro

No almoço do Hotel Central de Viana do Castelo.

O Presidente do Municipio sauda em Sidonio Paes o exercito portuguez que se bateu na Flandres.

Sidonio Paes agadece e aproveita a ocasião para rebater de novo as calunias levantadas contra a Revolução de 5 de Dezembro:

"Agradeço em nome dos bravos portugueses que n'essas terras de Flandres mais uma vez levantaram bem alto o nome de Portugal.

Aproveito o ensejo para desmentir a reles calunia de que o 5 de Dezembro teve como principal objectivo sonegar os compromissos com os aliados. Fui sempre de opinião de que devia infileirar-se ao lado da nossa secular aliada em defesa do Direito e da Justiça.

Afirmo tambem, mais uma vez, as minhas convicções de republicano e desminto tambem os caluniadores que me apodam de fazer o jogo dos monarquicos, abrindo o caminho para a monarquia.

Sou republicano desde os 15 anos. Do governo faz parte Machado Santos, o fundador da Republica, e outros republicanos. Nunca traí nem trairei os meus principios, a minha fé republicana. *No programa do governo cabem todas as ideias generosas. Aceito todos os homens honestos e bem intencionados sem olhar aos seus credos politicos ou religiosos.*

Sei que me ouvem imensos monarquicos, mas não acredito que algum deles seja capaz de alterar o programa republicano do governo ou atentar contra a Republica.

Eu me oporia implacavelmente como republicano a qualquér tentativa de restauração monarquica.»

---

11 de Fevereiro de 1918

Entrevista de Sidonio Paes com um redactor do jornal *Diario Nacional*, após as viagens ao Norte do Paiz:

«As manifestações foram realmente entusiasticas. Esse entusiasmo que eu não recebi como pela minha pessoa mas pela revolução em mim representada, é uma prova de que a opinião publica está comnosco e

de que o movimento de 5 de Dezembro foi recebido por todo o paiz como um movimento de liberdade. As manifestações do norte como as que respeitosamente me fazem nos Teatros de Lisboa são consoladoras. Mas... não bastam! É preciso mais... Mais alguma coisa.

É preciso que essas manifestações não fiquem pelas palavras e pelos vivas, que se tradusam num apoio decidido, franco. Unamo-nos se queremos ter uma paz durável, que permita o trabalho.

Libertámos o paiz da oligarquia democratica substituindo-a por um governo de liberdade e de moralidade. Já se fez muito. E' preciso conseguir muito mais. O que pretendo? A reconciliação da Familia Portuguesa!...

Falo a linguagem da verdade.

O paiz quer viver, trabalhar? Para isso precisa de paz interna duradora. Para a ter precisamos unirmo-nos. E' preciso que essa grande massa de conservadores e dos indiferentes nos apoie. E deixe-me dizer-lhe que espero consegui-lo.

Estou convencido que hei-de atrai-los."

---

15 de Fevereiro

Nos Paços do Conselho de Evora, respondendo a diversos oradores:

"Agradeço as manifestações que me fizeste, não por mim mas pelo espirito da revolução.

Tanto a extrema direita como a extrema esquerda pretendem desvirtuar as intenções do movimento de 5 de Dezembro; pois uns afirmam que para continuar o mesmo regimen não valia á pena trabalhar, outros que

não valia a pena fazer a revolução para proseguir em Republica. Não é bem isso; *visto que a revolução se fez para implantar um regimen novo em que monarquicos e republicanos possam viver. A rotina dos partidos é um mal. E' necessario formar um partido constituido por todos e para realizar a obra da Republica assim se deve fazer.*

Peço me deis licença para brindar pelo homem que mais ajudou a revolução, mesmo depois de saber que «politicas habilidades» haviam abandonado até mesmo o proprio chefe. Esse homem é Antonio Miguel de Sousa Fernandes que está presente.

Em nome dos companheiros de lucta agradeço ao povo de Evora as suas manifestações e ao governador civil a forma como tem desempenhado o seu cargo.

Na pessoa do general Mousinho de Albuquerque saudo a guarnição da cidade, e na de José Soares a Agricultura á qual rogo a sua importante e valiosa cooperação.

Viva a Patria! Viva a Republica!

Viva o Povo de Evora!»

---

17 de Fevereiro de 1918

Discurso nos Paços do Concelho de Beja agradecendo as boas vindas dadas pelo Presidente da Camara:

Agradeço as manifestações grandiosas que o povo de Beja me fez, não só em meu nome, mas no de todos os que comigo combateram quando n'aquela tarde angustiosa trovou o canhão no Parque Eduardo VII.

Toda a gente de boa fé estava convencida de que o

espirito que me animava era o republicano, não restando tambem duvidas de que *esse movimento tinha por fim acabar com o democratismo e com a sua obra nefasta*.

Os actos passados no parlamento são uma vergonha; desacreditaram-no.

O partido unionista dentro da lei tudo fez para acabar com esse estado de coisas. Pena foi que ele no seu conjuncto não tivesse tomado parte na revolução; tendo contudo a certesa de que esse partido está neste momento com o espirito da revolução.

Duas questões importantissimas teem de ser resolvidas, sendo uma a da Ordem Publica, por toda a gente reclamada, por todos aqueles que do trabalho querem progredir. A outra questão é a solução do problema politico, isto é, realisar o equilibrio politico, para que se estabeleça a paz no paiz.

O regimen parlamentar já deu todas as suas provas durante os 80 anos de constitucionalismo monarquico e as provas são negativas. *Em pleno seculo XX não é possivel o regimen absoluto tendo-se portanto que optar pelo regimen republicano; mas para isso é necessario que o paiz se pronuncie sobre a forma de regimen que deve adoptar: se parlamentar, se presidencialista.*

O primeiro faliu; o segundo é a Ideia Nova!

Brevemente se realisará a eleição presidencial por sufragio directo, elegendo-se depois as camaras para a revisão da constituição.

Novamente vos agradeço a manifestação que me fizeste e faço votos para que todos os portugueses se unam, seja quaes forem as suas ideias!...

Pelo que tenho visto todos os portugueses estão ao lado do governo e portanto este está integrado no Povo Portuguez.

Viva a Patria!

Viva a Republica Nova!»

4 de Março de 1918.

Discurso de agradecimento na recepção nos Paços do Concelho de Santarem:

«Agradeço a manifestação do povo de Santarem e sinto-me orgulhoso por ver que os efeitos da revolução de 5 de Dezembro tambem chegaram a esta cidade. Notei pelo discurso do Snr. Presidente da Comissão Executiva de Santarem as ideias do povo de Santarem sobre qual o espirito do destino da Nação.

O governo emanado do Parque Eduardo VII tem por fim conjugar os espiritos portugueses para que assim se consiga o ressurgimento da nossa Patria.

Essa ideia deve estar em todos.

Todos os esforços se devem conjugar para que se ponham de parte as paixões e divisões e haver simplesmente uma ideia que é a de bem servir a Patria.

Dentro da Republica o movimento republicano é só anti-democratico. Contudo foi dentro da Republica que se fez a demagogia.

Destruir é dificil, mas construir ainda é mais.

Já se destruiu a demagogia mas ainda é preciso mais. Vamo-nos pois precavendo para o futuro, e não sejamos sectarios.

Se a organisação dos partidos herdou por atavismo defeitos da monarquia é preciso que isso não continui.

É necessário seguirmos outra carreira, no sentido de que o sectarismo seja posto de parte.

E' necessario formar-se um partido, o dos homens de bem para bem servir a Patria.

Feita a revolução com os tiros de canhão, uma outra começava mas mais dificil, a qual foi liquidada na Costa do Castelo.

Uma outra que assenta como base n'uma reviravolta de espiritos continua ainda.

N'esse trabalho o governo procura dar o exemplo, porque o exemplo deve vir de cima. As proximas eleições teem um alto significado que bem se deve compreender.

Diz o Snr. Presidente da Comissão Executiva que a questão economica está acima de tudo.

Discordo! *A revolução politica é precisa.*

A liberdade do voto é absolutamente indispensavel. Não será o governo que pedirá votos para si. Não! Não será!

Nunca na minha vida pedi nada para mim e em qualquer colocação que tenho tido sempre conservei o pé no estribo, para que quando caisse, caisse de pé.

Esta é a solução moral que o povo portuguez tem de ter.

Reparai, portanto, que nunca a função de votar foi mais dificil do que é agora.

Termino pedindo a todos perdão por chamar a atenção para este ponto politico, mas se o fiz foi para interesse do Paiz."

---

4 de Março de 1918

No Governo Civil de Santarem:

"A manifestação que a historica e hospitaleira cidade de Santarem me acaba de prestar é tudo quanto de mais consolador toca o meu coração. Não ha duvida que o paiz atravessava uma epoca de sacrificio e que em toda a parte havia a mesma impressão de que nos achavamos á beira de um abismo. Eu, como quasi

todos os portuguezes, achava-me vexado pela forma como este paiz caminhava para a sua ruina. Protesto fazer alguma coisa a caminho de o levar á sua redenção. É certo que muita gente dizia estarem esgotados os meios de lucta. Todos viram que era necessario a acção revolucionaria. Todavia tive ocasião de averiguar quanto era dificil organisar as forças para um acto revolucionario, como em tudo emque periga a vida.

Quando se não vê a certesa de vencer, era arriscada uma aventura; foi isso que me fez tomar a primasia d'esse passo.

Como se vivia já não era viver.

Os que em minha volta se congregaram, tiveram como eu, uma grande alegria, na noite de 8 de Dezembro, com a imediata certeza de que a lucta tinha terminado nesse dia.

Vi que era dificil vencer e só com todas as energias podiamos vencer.

Agora, não me resta a menor duvida de que o paiz está com o grupo revolucionario e os que não estiverem com ele, estão com a demagogia.

Qual o fim da revolução? E' muito grande.

Contudo uma só palavra dá esse pensamento. Conciliar a familia portuguêsa que bem necessitava disso. Ligar todos os portugueses qualquer que seja a sua ideia religiosa ou politica.

Servir a Patria é uma grande aspiração! Muito mais se precisa: uma reconciliação!

Força para quê? É desnecessaria.

Queremos um Portugal que esteja á altura da sua historia e das suas tradições, que possa viver com honra entre as nações civilizadas com quem se acha ligado.

Para isso é necessario resolver primeiro o problema politico sobre a forma da Constituição.

A Revolução de 5 de Outubro venceu os homens e

os partidos politicos; todavia, nada se encontrou de plataforma sobre a constituição.

Fez-se a revolução de 5 de Dezembro e tudo mudou.

Pois se um tratado de constituição é a base d'uma nacionalidade, está mais que indicado que cada partido deve ver a forma de se fazer essa constituição. Devem pois os partidos tomar as suas posições para a sua forma de decisão. Sem isto não se pode marchar.

É necessario que todos aqueles que julgam indispensavel a constituição se unam como um só homem para fazer vingar esse preceito.

É necessario que se resolva amanhã perante as urnas se é preferivel o Presidencialismo ou o Parlamentarismo.

Eu quero principalmente que todos reflitam para ver se todos teem a mesma ordem de ideias.

Posto isto, desejo ainda tocar alguns pontos que julgo interessantes no actual momento.

Apesar da força de apoio que acabais de dar ao Presidente da Republica, assim como do Norte ao Sul do Paiz, é importante ver a atitude dos partidos.

Em virtude da guerra as subsistencias são poucas e raras, de que resulta que algumas classes passam mal, e cabe ao governo, resolver essa questão, que ele não descura um só instante, mas que é dificil de resolver desde que a Ordem Publica é perturbada, vendo-se o governo na necessidade de pôr a sua espada e o seu revolver á cinta.

Noto em Lisboa um elemento que perturba os espiritos.

Os boatos circulam; em mentiras todos acreditam, mas pouco depois acreditam o contrario, de forma que o trabalho do governo é dificil.

O movimeuto de 5 de Dezembro foi anti-democratico.

Quem nos combateu? Os democraticos e só os acompanhou um agrupamento dos democraticos.

Sofisme-se como quizer. Os que estiverem neste momento contra o governo, estão com os democraticos.

Ainda hoje vi que a União Operaria Nacional não quer ir contra o governo.

Eu não desejo saber a que partido pertenceis, apenas sei que sois portugueses.

Tenho todavia a certeza que vós, tendo estado ao lado dum partido, desligar-vos-heis para estardes ao lado do governo.

Não venho pedir o vosso voto, mas venho pôr á evidencia a consciencia e a gravidade do momento e a obrigação absoluta de defender-mos o bem da Patria."

---

9 de Maio de 1918

Discurso da sua proclamação na Camara Municipal de Lisboa, no acto da posse, após as eleições que lhe deram uma votação estrondosa:

"O Povo Portuguez, chamado a manifestar, em sufragio universal e eleições livres, a sua vontade, acaba de consagrar a Revolução de 5 de Dezembro pela forma mais retumbante juntando a maior votação que ha memoria em Portugal *à volta de um homem que tendo a honra de ser o Chefe da Revolução para ele encarna certamente os seus levantados ideais.*

Inutil é dizer-se, da parte dos detratores da Revolução, que uma tal votação excedendo 500.000 votos não representa a vontade soberana do Povo Portuguez.

Nunca a abstenção foi menor, apesar de 3 agrupamentos partidarios a terem resolvido e d'ela terem feito em larga escala a propaganda, bem mais facil e susceptivel de ser coroada de sucesso do que a de chamar os eleitores ás urnas.

Nunca a abstenção foi mais insignificante, apesar de faltar o estimulo da lucta; ninguem se propoz a Presidente da Republica e, por parte dos defensores da actual situação, um nome estava em todas as bocas; por parte dos que a atacavam nenhum nome foi indicado como representando as suas aspirações comuns.

Nunca a abstenção foi mais reduzida, apesar dos boatos alarmantes de perturbações da ordem publica, de atentados pessoais, de movimentos revolucionarios, para o que se pretendeu criar uma atmosfera de terror.

Nunca a ordem foi mais completa em um acto eleitoral, decorrendo sem incidentes em todo o paiz, apesar da propaganda revolucionaria que se fez e do convite á Revolução que implicitamente se continha na campanha do abstencionismo.

Nunca a liberdade foi mais ampla em eleições, que se efectuaram sem a menor pressão por parte das autoridades ou de influencias locais.

Nunca a legalidade foi maior em operações eleitorais, fiscalisadas de resto pela oposição.

Nunca a honestidade foi mais perfeita por parte do governo, que deu ordens terminantes para que se não exercessem quaisquer subornos ou corrupções, por mais disfarçados que fossem, nem se fizessem desdobramentos, processo imoral, tantas vezes usado.

Propositadamente, e por dois motivos principais, não apresentei ao paiz a minha candidatura.

1.º Porque nenhum desejo pessoal ou ambição ilegitima tinha de me manter num cargo que só pelo de-

ver de assegurar o exito da Revolução assumi *e que por experiencia sei ser um permanente tormento fisico e moral, na ancia sempre insatisfeita de buscar a felicidade do Povo, unico grande ideal que se alberga no meu coração e que absorve a minha existencia.*

2.º Porque no momento actual e conhecendo o paiz bem o meu nome, necessario era deixa-lo em completa serenidade escolher independentemente de quaisquer sugestões, o homem que reputa digno da suprema honra de presidir aos destinos da Nação.

Nunca por isso foram mais expontaneos os votos que concorreram ás urnas eleitorais, na ausencia de solicitações de toda a ordem.

Debalde se fez durante os ultimos cinco meses uma campanha anti-patriotica e anti-republicana, tendo por base a dupla calunia de apresentar aos olhos dos aliados e aos olhos da Nação o governo saido da Revolução como hostil aos aliados e contrario ás actuais instituições.

Essa campanha insidiosa, que começou pela tentativa de enganar, intrigar, indispôr a marinha portuguesa, sempre briosa na defeza da Patria e da Republica, chegou ao cumulo de insinuar a intervenção estrangeira, ultima das ignominias a que só a absoluta falta de patriotismo pode levar.

A calunia, a intriga, a conspiração cairam deante da força invencivel da verdade.

Todos os actos do governo da Republica, sem uma unica excepção, depois de 5 de Dezembro, demonstram o seu cargo de cooperar com os aliados e todos foram realizados no mais perfeito acordo com eles.

Todos os actos do governo da Republica, saido da Revolução de 5 de Dezembro, foram inspirados na mais pura fé republicana e se encaminham para *a consolidação da Republica, pela integração de todos os portugueses num grande movimento nacional; e essa*

politica quaisquer que fossem os obstaculos encontrados teve o seu mais formidavel sucesso na eleição que acaba de realizar-se, onde o Presidente da Republica reuniu á sua volta meio milhão de eleitores conscientes da necessidade de se entrar num periodo de calma, de ordem e de socego, que permita o desenvolvimento de todas as forças uteis ao paiz.

O povo, na sua extraordinaria clarividencia, no seu infalivel espirito de justiça e na sua nunca desmentida sinceridade, repudiou todos essas calunias, julgou, sentenciou e coroou assim, com o seu espirituoso aplauso, a obra da Revolução.

Povo Portuguêz! Sinto-me orgulhoso de ser o teu Presidente eleito e procurarei, quanto em minhas forças caiba, corresponder á confiança que em mim depositaste, *sendo o teu amigo de todas as horas e interpretando o teu sentir e a tua vontade soberana, unica a que me curvarei, e a quem ninguem poderá desobedecer sem passar por cima de mim.*

Nenhum odio, nenhuma inimisidade pessoal, nenhum sentimento rancoroso encontra éco no meu coração, só tenho a aspiração veemente de conciliar todos os nossos interesses legitimos. Poderei errar, mas apenas me demonstrem o erro estou pronto a emenda-lo sem resentimentos nem vaidades, sem teimosias ininteligentes, sem intransigencias tiranisantes.

Todo o povo portuguez pode contar em mim um amigo, pronto a defender a sua justiça, ainda que seja o meu maior inimigo.

Nenhumas perseguições fiz, tomei somente as medidas indispensaveis para assegurar a ordem publica que á minha guarda estava confiada.

Povo Portuguez! Ao assumir o exercicio da Suprema Magistratura da Nação as minhas primeiras saudações vão para as forças de terra e mar que heroicamente se bateram ao lado dos nossos aliados contra o

inimigo comum pela causa da Liberdade, do Direito e da Independencia das Povos.

Essas forças são a tua emanação, são o teu sangue. Saudando-as abraço-te a ti, a todo o Povo Potuguez, no teu grande desejo de Justiça tão ardentemente manisfestado na expontaneidade com que abraças te a causa dos aliados.

Uma nova era de Liberdade, de Tolerancia, de Respeito pelas crenças religiosas e pelas convicções politicas, surgiu. *E' só n'uma tal atmosfera que a nação poderá prosperar. Ela precisa duma base estavel que não poderia encontrar-se senão na união espiritual de muitas almas. Essa união é hoje um facto e a força de atracções d'ela emanada alargará o seu ambito e intensificará a sua potencia. Um grande ideal nacional popularisa este movimento.*

A Revolução de 5 de Dezembro triunfou!

O resurgimento da nossa Patria é mais do que uma esperança, é uma consoladora certesa.

Portuguezes! Conservai-vos unidos. Aqui vos afirmo solenemente pela minha honra que defenderei até á minha ultima gota de sangue a sagrada causa da Patria e da Republica que é tambem a causa do Povo Portuguez.

Viva a Patria! Viva a Republica Nova!"

S. Ex.ª o Snr. Dr. Sidonio Paes após ter proferido o anterior discurso dirige-se á varanda da Camara Municipal onde, entre delirantes aclamações do povo que estacionava na Praça do Pelourinho, diz:

"Povo de Lisboa! Tu és o digno representante de Portugal e a ti está confiada a guarda sagrada da Patria e da Republica.

Viva a Patria! Viva a Republica Nova! Vivam os aliados!"

14 de Maio de 1918

Discurso pronunciado no Rocio depois de assistir á tourada de gala no Campo Pequeno após a sua proclamação:

«Todas as classes sociais se encontram unidas desde o nobre ao mais plebeu, pulsando todos no mesmo sentimento patrio, por terem reconhecido que era necessario salvar a nação.

Como Chefe do Estado entendo que sou chefe de todos os portugueses e que, como fui eleito pelo Povo, que pelo Povo e para o Povo devo viver. É de resto entre o Povo que me sinto bem. Por ele me sacrificarei e darei o meu sangue e a minha vida. Jurei solenemente pela minha honra, zelar pela felicidade do Povo e da Nação. Foi essa portanto a obrigação moral em que me colocaram tantos braços e tantas manifestações ardentes que tomo como indicação e como aplauso á obra da Revolução de 5 de Dezembro. *Serei sempre em todas as circunstancias o mandatario da Nação.»*

---

25 de Maio de 1918

Entrevista com um redactor do jornal «A Situação» acerca da libertação dos presos da cadeia do Porto:

«Acusam-me uns, sobretudo, de me haver imposto á lei, abrindo as portas do carcere a alguns individuos presos como conspiradores, e outros de ser espectaculoso quando pratiquei um tal acto. Aos primeiros, se eu achasse que valeria a pena defender-me dos seus ataques, eu lembraria *que estamos numa Republica*

Presidencialista, aceite pelo Povo Portuguez e em que o parlamento não funciona por enquanto, que estamos n'um periodo que é ainda de ditadura.

Dizem que para o acto da amnistia se tornava necessario a aquiescencia do Secretario de Estado do Interior. Ora ninguem ignorava que o Secretario de Estado do Interior me acompanhou na minha viagem ao Norte. Concordou comigo e nem outra poderia ser a sua atitude, porque viu, como eu vi, as scenas desenroladas no Aljube e no Paço Episcopal. Mas que não concordasse; eu como Chefe do Estado, n'uma Republica Presidencialista, tinha ainda a faculdade de demitir imediatamente o Secretario do Interior e nomear outro que concordasse com o meu ponto de vista.

De resto, os presos em questão não estavam cumprindo sentença judicial, nem mesmo para o poder judicial tinham ainda transitado.

Estavam, sim, em prisão preventiva e essa talvez ilegalmente mantida pois se achavam abrangidos pela amnistia.

Quanto ao outro ponto da acusação (diz comovido), acusam-me de ter sido teatral, evocam-se mesmo velhas realezas espalhafatosas para me nivelarem a elas. E no entanto eu nunca procurei teatralidade para os meus actos. Procedo segundo as circunstancias e sinto a gloria do meu procedimento, se a consciencia me diz que em tal conjectura a minha forma de acionar foi a mais propria. *Evidentemente que tenho o aplauso do paiz, então a minha satisfação é completa porque é a minha consciencia, interpretando milhões de consciencias.*

O que eu vi no Porto é horrivel! O que eu vi no Porto não se descreve. É um espectaculo que nunca se me apagará da memória.

Que me deixei levar por impulsos emotivos—diz-se—e que um Chefe de Estado deve fazer calar o coração, porque ha alguma coisa mais que a bondade, é a

Justiça. Sim, o Chefe do Estado tem de ser acima de tudo:—a lei. Mas tambem não o façamos rigidamente:—a estatua. *A bondade é tambem por vezes uma forma de Justiça e para se fazer Justiça, pode ser necessario perdoar.*

O que se passou no Porto com os presos politicos necessitava de um exemplo retumbante. Era preciso gritar bem alto que hoje não se agride um preso.

Era necessario, era nobre, era digno bradar aos agentes da autoridade com tendencia para exorbitarem das suas atribuições que o homem conquistou o direito de não ser açoitado quando um delito o leva á prisão! E foi esse brado que eu quiz soltar de modo a que todo Portugal o ouvisse! A solução que eu achei que devia dar-se ao conflito visava principalmente a resultados morais. Era um exemplo e uma lição.

"A Manhã" e sobretudo "A Capital" (diz S. Ex.ª) puseram a questão nos seus verdadeiros termos. Ali estão postos o caso moral e o caso juridico. Ora nem um nem outro d'esses jornais teem entendimentos com o presidente, nem com o governo, de cujos actos, por sinal, algumas vezes teem discordado.

Dos que atacam o meu acto, muitos, quasi todos, o farão por medo. É o Pavor do que possa suceder, sem um regimen de severidade repressiva, que seja como que um dique a uma receada torrente de conspiração.

Eu nada receio; eu, que seria o principal alvo das arremetidas revolucionarias.

Da mesma forma porque, para dar uma grande lição a agentes de autoridade prevaricadores, levei esses homens aos empurrões para a liberdade, assim os levarei amanhã para a cadeia, se uma tentativa criminosa puzer em perigo a Ordem publica.

Que ninguem duvide disto!

A tarefa que se impoz a Revolução de Dezembro

não ficará em meio. Para a executar empenharei a minha vida e muito poderá quem tiver forças para me torcer caminho, enquanto eu tiver comigo a opinião do paiz. E o paiz que compreende muito bem o meu gesto de dar liberdade a dois homens que tinham sido agredidos na prisão, não deixará amanhã de me apoiar com egual entusiasmo se eu tiver de os meter na prisão novamente".

---

31 de Maio de 1918

Visita ao Quartel da G. N. R. do Carmo.

Discurso preferido no Gabinete do Comando Geral exprimindo toda a sua satisfação pelo que acabava de ver:

"E' necessario que as praças tenham a sua vida em ordem para que a disciplina seja um facto, visto que *é n'um exercito disciplinado que assentam as bases de uma sociedade que quer viver para o trabalho em boa paz e com ordem.*

Como medidas tendentes a melhorar a situação das praças vão ser concedidos um subsidio de $20 para as de Lisboa e Porto e $10 para as da provincia, e um abono para rancho de $10,5 para as da provincia á semelhança do que já se havia praticado para com as de Lisboa."